

Evo Fernandes,  
ex-secretário geral  
da Renamo, procurado  
por centenas de polícias,  
foi encontrado morto  
na Malveira da Serra

O Jornal  
no. 687  
(22-28/4  
88)  
p.1



Evo Fernandes

# “Secretas” estrangeiras à guerra em Lisboa

# Assassínio de Evo Fernandes parece resultar de operação internacional

Uma complexa operação, envolvendo polícias secretas estrangeiras actuando em Portugal poderá estar na origem do assassinio do ex-secretário-geral da Renamo, Evo Fernandes, licenciado em Direito, ontem, quinta-feira, encontrado morto perto de Alcabideche, na área de Cascais, onde fora visto pela última vez no domingo à noite.

Os serviços de informação portugueses também entraram em acção, para além da Judiciária, para tentarem encontrar o paradeiro do destacado militante da Renamo, organização que se opõe militarmente ao governo de Moçambique, apurou «O Jornal» junto de fontes seguras.

O enquadramento deste crime envolve altos interesses políticos e financeiros, o que torna difícil a investigação. São vários os cenários que se apresentam. Uma das versões correntes foi já afastada: a descoberta, pela GNR, do corpo de Evo Fernandes, afasta a possibilidade de uma «encenação».

De pé está, ainda, uma outra hipótese: a de um ajuste de contas entre grupos rivais dentro da Renamo. Contudo, a intervenção de um indivíduo aleadamente ligado à SNASP, polícia secreta moçambicana, nas Maputo já desmentiu essa ligação), aliada a outros factores, poderia conduzir a conclusões aparentemente contrárias a esta hipótese.

## Jantar em Cascais

Desconhece-se o paradeiro de Alexandre Chagas, um português envolvido em actividades «pouco claras» tanto sob o ponto de vista político como económico, não sendo de excluir a possibilidade de também ele ter sido vítima desta operação.



Evo Fernandes, ex-secretário-geral da Renamo  
Ele pensava que ia negociar com a Frelimo

«O Jornal» está em condições de revelar que, inicialmente, no passado domingo, Alexandre Xavier Chagas começou por tentar atrair Evo Fernandes para um almoço. O ex-secretário-geral da Renamo recusou, invocando que tinha familiares em casa, situada em Cascais, na Rua Tenente Valadim. Compareceu, no entanto, ao jantar, no restaurante «Beira Mar», perto do mercado de Cascais, tendo o encontro durado cerca de três horas. Antes, como único contacto, telefonou para a Alemanha, para o delegado da Renamo na Europa, Artur Janeiro da Fonseca. A esse indivíduo, que mantém uma «ligação directa» com o presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, anunciou que se dirigia a um jantar, a que poderia suceder-se um encontro com enviados especiais da Frelimo. Alguns nomes de cidadãos moçambicanos foram referidos nos últimos dias pela imprensa portuguesa e «O Jornal» confirmou a presença de alguns deles, que terão partido para Maputo, via Brazzaville, num voo TAP, segunda-feira, à noite — designadamente o agente Inácio, que há vários anos actuava em Lisboa. Versões que corriam em fontes próximas das autoridades policiais portuguesas colocavam, mesmo, a hipótese do corpo de Evo Fernandes ter sido embar-

cado, num grande volume que deu entrada no aparelho. Contudo, não só as autoridades moçambicanas desmentiram tal versão, como os factos se encarregaram de provar o contrário.

Um dos aspectos mais misteriosos consistiu no facto de ter sido de livre vontade que, depois do jantar, Evo Fernandes entrou no carro com Alexandre Chagas, indivíduo de quem desconfiava.

Segundo uma das versões, recolhida numa das diversas fontes (frequentemente contraditórias) consultadas por «O Jornal», a Evo Fernandes poderiam ter sido dados «fortes argumentos», para caminhar para aquilo que se verificaria ser uma cilada. Evo Fernandes poderia estar convencido de que iria ter, na segunda-feira, numa herdade a 140 quilómetros de Lisboa, propriedade de M. Gaudêncio, um encontro com o major-general de Moçambique, Bonifácio Groveda.

As iniciais desse influente elemento da Frelimo, que foi governador da Zambézia, constam de um apontamento deixado por Evo Fernandes, escrito num papel do Hotel Bristol, de Genebra, que a mulher, Ivete, entregaria à polícia, quando a alertou para o desaparecimento. Ivete Fernandes recebeu, entretanto, um telefonema in-

formando que o marido se encontrava «a negociar» em Argel.

Evo Fernandes, apesar das suas ligações à Renamo, mantinha a nacionalidade portuguesa, bem como Alexandre Chagas.

Uma peça importante deste processo, que a polícia não deixará de esclarecer, é o envolvimento nestes contactos, de um industrial português, Manuel Sacramento Gaudêncio, com o qual houve encontros de Evo e Chagas.

Não está comprovada, nem sequer tida como provável, a passagem por Lisboa do general moçambicano. Também os outros nomes de cidadãos moçambicanos, referidos pela imprensa, não constam da lista de pedidos de vistos da embaixada portuguesa em Maputo, mas poderiam ter dado entrada no País, vindos da Europa. Comprovada estará a presença de João Carlos Esteira, mas os serviços de informações portugueses julgam ter detectado outras passagens.

Entre os mistérios a esclarecer encontra-se o significado da presença em Portugal de um súbdito britânico, Alistair Morrison, ligado à empresa de serviços especiais de segurança, DSL.

Para se compreender estes factos é importante conhecer o que é a Renamo, organização que tem tido grande dificuldade em ser aceite mesmo pelas potências ocidentais. Tendo uma componente fortemente militar, os seus representantes no estrangeiro formam facções que frequentemente se guerreiam: o grupo de Lisboa, onde Evo Fernandes teria uma preponderância superior ao delegado, Manuel Frank; o grupo de Washington; e o grupo da Alemanha que é o único país da CEE que não apoia abertamente o poder encabeçado por Joaquim Chissano.

Evo Fernandes faria parte de um grupo que estaria interessado em avançar com contactos

tendentes à paz em Moçambique. Em 1984 quando esteve presente em negociações Frelimo-Renamo-África do Sul, Evo Fernandes, que tem, de resto, um passado cheio de «sombras negras», terá contribuído bastante para o insucesso dos contactos, uma vez que não concordava com os termos do acordo. Porém, agora, estaria incluído numa tendência que tentava concertar uma solução com as autoridades moçambicanas. Aparentemente, porém, diversas grandes potências têm interesse na continuação da instabilidade em Moçambique.

Lisboa, como um dos centros nevrálgicos relativos às ex-colónias, está a ser teatro para a acção de serviços estrangeiros, vários deles referidos a «O Jornal» pelos informadores que contactámos.

## Cabora Bassa

Por outro lado, uma questão de peso está subjacente a todo este imbróglio: Cabora Bassa, a exploração da rede de electricidade, a sua protecção por serviços especiais de segurança (ou, noutra hipótese, a «compra» da ausência de acções por parte da Renamo...). Cabora Bassa, (em fase de privatização), que para o Estado português envolve um pesado encargo financeiro, implica negócios no valor de muitos milhões de contos. A África do Sul, como a Grã-Bretanha, além de Portugal e Moçambique, têm fortes interesses nesta questão. Politicamente, para além de países da CEE, os EUA e a URSS estão fortemente empenhadas na «batalha política» em torno de Moçambique.

Evo Fernandes fora demitido de secretário-geral acusado de práticas corruptas, o que é firmemente negado pela família. Ultimamente estaria a recuperar peso junto de Afonso Dhlakama, que, segundo a Lusa, disse que o desaparecimento de Evo era «um acto de terrorismo da responsabilidade da Frelimo».

Com Evo Fernandes sucedeu um caso polémico da vida política portuguesa, em 1984, quando Mota Pinto respondeu a um apelo telefónico do então secretário-geral da Renamo, provocando um conflito diplomático entre Portugal e Moçambique.